

Copyrighted Material

Baseado no filme de Mara Mourão

# MUITO ALÉM do **LUCRO** o livro



Organização  
**James Marins**



Copyrighted Material

Voo

**MUITO ALÉM**  
do  
**LUCRO**  
o livro

Copyrighted Material

Baseado no filme de Mara Mourão

**MUITO ALÉM**  
do  
**LUCRO**  
o livro

Organização  
**James Marins**



VOO

Copyrighted Material

# MUITO ALÉM DO LUCRO – O LIVRO

@2025 James Marins

**Organização e textos de abertura de cena** | James Marins

**Baseado no filme homônimo de** | Mara Mourão

**Coordenação editorial** | Claudia Kubrusly e Fernanda Paraguassu

**Preparação e revisão textual** | Rebeca Bembem e Fernanda Paraguassu

**Revisão final** | Priscila Seixas

**Ilustrações** | Isadora Tem Pass Fava

**Ilustração de capa** | Theo Trexler e Rodrigo M. Castropil

**Projeto gráfico e capa** | Priscila Zimmermann

**Diagramação** | Maurício Carneiro

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M953

Muito além do lucro - o livro / Organização de James Marins; Prefácio de Mara Mourão. – São Paulo: Voo, 2025.

344 p., il.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-89686-93-4

1. Responsabilidade social corporativa - Sustentabilidade. 2. Documentário. I. Marins, James (Organizador). II. Mourão, Mara (Prefácio). III. Título.

CDD 658.408

Índice para catálogo sistemático

I. Responsabilidade social corporativa - Sustentabilidade



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL



UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



Reservados todos os direitos de publicação à:  
Editora Voo Ltda.

Avenida das Comunicações, 265, Setor 1 MOD A-07  
Osasco/SP — CEP 06.276-190

[www.editoravoo.com.br](http://www.editoravoo.com.br)

## NOTA DO ORGANIZADOR

Quando assisti ao filme *Quem se Importa*, da genial cineasta Mara Mourão, fiquei tão impactado com o tema, novo para mim, que resolvi que um dia escreveria um livro sobre empreendedorismo social. Por isso, quando escrevi *A Era do Impacto*, iniciei cada um dos capítulos com uma citação retirada do filme que me inspirou. Confesso que foi bastante difícil extrair as citações do filme, indo e voltando as cenas para degravar as frases escolhidas.

Com essa experiência, percebi que filmes, sobretudo documentários, têm um conteúdo precioso, mas que, por diversas razões, se torna difícil de ser acessado. Por isso, quando a Mara me falou que iria fazer um novo filme, animada por alguns conceitos do meu livro, eu sugeri: se um filme gerou um livro que inspirou um filme, que tal fazermos um novo livro para completar o ciclo virtuoso filme-livro-filme-livro?

Feita a provocação, a ideia que surgiu foi no sentido de que as pessoas pudessem sair do cinema “com o filme nas mãos” e, a partir disso, gastei o projeto “Muito Além do Lucro – o livro”, baseado no brilhante filme de mesmo nome. A Mara, sempre generosa, topou e a Editora Voo, uma casa editorial autenticamente de impacto, se uniu ao desafio de produzir algo bastante original, inclusive propondo a inserção de “QR Codes” com cenas do documentário, para aproximar do filme a experiência de leitura e vice-versa. Além disso, o formato e a capa do livro foram feitos para lembrar o aspecto de uma extinta fita VHS, que, possivelmente, os mais novos nunca viram.

Basicamente, então, o texto incorpora todo o conteúdo do filme, mas ampliado por parte do material que não coube na versão cinematográfica. O fato é que as falas dos protagonistas, a quem agradecemos o rico conteúdo, quando gravadas, geraram mais de 600 páginas em Word, espaço 1, o que deu bastante trabalho para revisar, especialmente para converter todo esse texto, que vem em linguagem natural, para linguagem escrita, sem perder o sentido original. Por isso agradeço imensamente o cuidadoso trabalho, que foi realizado ao longo de um ano, pontuado de inúmeras reuniões técnicas, pela revisora e tradutora Rebeca Bembem.

Nesse projeto inédito, meu principal trabalho foi o de dividir o filme em capítulos (que chamamos de *cenar*, para manter a metáfora de cinema), fazer as dezesseis introduções, uma para cada um dos capítulos, e selecionar o material adicional. Nessa composição, é importante que o leitor perceba o seguinte: as frases em destaque são as que fazem parte do filme, os demais textos e biografias foram acrescentados. Essa foi a mágica para transformar um documentário em livro e isso significa que o livro que você tem em mãos é o filme em formato escrito, mas também algo mais em termos de texto, embora algo menos em termos de linguagem cinematográfica. Porém, ambos, filme e livro, cada um a sua maneira, podem, sim, cumprir sua missão primordial de produzir reflexão e mudar o mundo, o que nos permite desejar, de todo coração, que todos desfrutem de uma transformadora sessão, de cinema e de leitura.

J.M.

# ROTEIRO

prefácio de Mara Mourão		9
elenco		13
cena 1	<b>A MÃO INVISÍVEL DO CAOS</b>	15
<hr/>		
cena 2	<b>ALGUMA COISA ESTÁ MUDANDO</b>	39
<hr/>		
cena 3	<b>NOVOS REMÉDIOS PARA NÃO MORRER</b>	65
<hr/>		
cena 4	<b>O DRAMA EXISTENCIAL DAS EXTERNALIDADES</b>	97
<hr/>		
cena 5	<b>ESTRANHO NO NINHO: O INVESTIMENTO DE IMPACTO</b>	111
<hr/>		
cena 6	<b>CAEM AS MÁSCARAS: <i>GREENWASHING</i> E <i>SOCIAL WASHING</i></b>	121
<hr/>		
cena 7	<b>AGORA É PRECISO GASTAR (MUITO) PARA CONSERTAR (POUCO)</b>	133
<hr/>		

---

cena 8	<b>JÁ NÃO SE FAZEM NEGÓCIOS COMO ANTIGAMENTE (AINDA BEM)</b>	<b>157</b>
cena 9	<b>FILANTROPIA NAS FINANÇAS SOCIAIS: <i>VENTURE PHILANTHROPY E BLENDED FINANCE</i></b>	<b>165</b>
cena 10	<b>O BANCO ÉTICO E O AÇUGUE VEGANO</b>	<b>181</b>
cena 11	<b>CEOs, SOCIOPATAS, BILIONÁRIOS E SUPERSALÁRIOS: O PAPEL DAS LIDERANÇAS EMPRESARIAIS</b>	<b>195</b>
cena 12	<b>A MAGIA QUE ESTÁ EM CIMA DO MURO: COOPERATIVISMO E SETOR DOIS E MEIO</b>	<b>255</b>
cena 13	<b>SERÁ QUE AS NOVAS GERAÇÕES PODEM SALVAR O MUNDO?</b>	<b>279</b>
cena 14	<b>A CONSCIÊNCIA VEM ANTES DA MUDANÇA</b>	<b>293</b>
cena 15	<b>INCLUSIVO, EQUITATIVO E REGENERATIVO</b>	<b>319</b>
cena 16	<b>ATENÇÃO: O CAPITALISMO SE AUTODESTRUIRÁ NOS PRÓXIMOS CINCO SEGUNDOS. OU, TALVEZ, APENAS SE TORNE OBSOLETO</b>	<b>339</b>

# PREFÁCIO DE MARA MOURÃO

O mundo dá voltas! Certo dia, um amigo mostrou um dos meus filmes a uma pessoa muito especial que, na época, ainda não sabia o que era um empreendedor social. Esse filme acabou sendo a gota d'água que levou James Marins a mudar o rumo da sua vida. Entre muitas conquistas, ele criou o Instituto Legado, que gera um impacto social significativo. Quem sabe um dia eu tenha a honra de adaptar um dos livros de James para o cinema. Aí sim, o mundo terá dado a volta completa! Pelo menos para nós.

Convidei James para ser um dos entrevistados do filme *Muito Além do Lucro*, pois seu livro *A Era do Impacto* me tocou profundamente. Na minha opinião, é uma das obras mais importantes já escritas sobre as rápidas transformações da nossa era. Mas James foi mais longe: além de me presentear com um depoimento brilhante para o filme, fez questão de participar de alguns dias de filmagem, atuando como meu “grilo falante” — sempre mais sábio que Pinóquio. Fiquei surpresa quando manifestou o desejo de escrever *o livro do filme*. Adorei a proposta, ainda mais vinda de um grande escritor! Como ele mesmo diz: “A ideia é que as pessoas possam sair com o filme embaixo do braço e tê-lo na estante — algo raro hoje em dia, com a extinção dos VHSs e DVDs”.

O que o leitor verá nestas páginas é fruto das entrevistas coletadas para o filme, comentadas por Marins. Com sua vasta cultura e sensibilidade para enxergar os sinais do futuro que sopram as velas da nossa nave comum, James alinhou os

depoimentos, iluminando a mensagem contida nas linhas e entrelinhas desta obra.

*Muito Além do Lucro* surgiu como um caminho natural na minha trajetória de filmes de impacto. Tudo começou com *Doutores da Alegria*, um filme sobre uma organização que leva a arte do palhaço para dentro dos hospitais. O filme é uma metáfora sobre o papel da alegria em ambientes onde as emoções estão à flor da pele. Mostra o poder da menor máscara do mundo — o nariz vermelho —, capaz de fazer um adulto enxergar o mundo com o frescor dos olhos de uma criança. E como precisamos disso hoje em dia!

Os filmes não mudam o mundo, mas as pessoas que os assistem, sim. Quando percebi isso, parti para a produção de *Quem se Importa*, um documentário sobre empreendedores sociais ao redor do mundo. Nesses filmes, que geraram outros, retratei os empreendedores e seus projetos sociais. E qual seria o próximo passo? Para mim, ficou claro: era hora de falar sobre o papel das *empresas* na transformação do mundo.

Falar do mundo dos negócios é questionar os sistemas econômicos que nos trouxeram até aqui — um tema tão amplo e complexo que nenhum filme daria conta. Talvez nem mesmo *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, conseguisse. Mas conseguimos, sim, provocar questionamentos, gerar discussões e inspirar pessoas. Quem sabe, para algumas delas, essa seja também a gota d'água que faltava para provocar mudanças em sua forma de agir.

No cinema, usamos o termo decupagem — que significa dividir uma cena em ângulos e movimentos de câmera. Pois James e eu estamos fazendo exatamente isso neste livro: separando falas, conceitos e ideias, e criando uma cena. Uma cena de um futuro melhor.

Apenas mais uma cena, parte de um grande filme criado pela humanidade. Baseado em um roteiro cujo tema central é a resiliência e a esperança. Uma obra gerada pela consciência coletiva e pela solidariedade incrustada em nosso DNA.

Claro, há vilões! Que graça teria um roteiro sem reviravoltas? Mas esperamos que seja um filme longo, pleno dos valores essenciais para que todas as formas de vida floresçam — e que tenha um final feliz. ■

**Mara Mourão** é cineasta, roteirista e produtora carioca radicada em São Paulo desde a infância, com uma carreira que alia criatividade e impacto social. Formada pela FAAP e com especialização na NYU, dirigiu mais de 200 comerciais antes de conquistar reconhecimento nos longas — incluindo *Alô?! (1998)* e *Avassaladoras (2002)* — e se destacar com o documentário *Doutores da Alegria (2005)*, considerado pela UNESCO uma “obra que promove uma cultura de paz”. Em 2012, lançou *Quem se Importa*, um marco do cinema de impacto que ganhou versão em série de TV e inspirou programas sociais como “Sementes de Transformação”. Fundadora da Mamo Filmes, já dirigiu seis longas-metragens e cinco séries, entre outros projetos nos quais atuou como produtora. Palestrante em instituições como Harvard e o Banco Mundial, Mara usa o cinema e a narrativa para estimular o empreendedorismo social, reforçando seu compromisso de provocar transformações profundas por meio da arte e da educação.



# **ELENCO**

## **(POR ORDEM DE APARIÇÃO)**

**TSSHERING TOBGAY**

**LEONARDO LETELIER**

**EDUARDO MOREIRA**

**JAMES MARINS**

**RAJ SISODIA**

**MARCEL FUKAYAMA**

**FERNANDO SIMÕES**

**RODRIGO PIPPONZI**

**JÉSSICA SILVA**

**CÉLIA CRUZ**

**RODRIGO SANTINI**

**RAPHAEL MAYER**

**LUIS NORBERTO PASCHOAL**

**PEDRO LINS**

**MARCO GORINI**

**JOÃO PAULO PACÍFICO**

**JOSÉ CARLOS MOREIRA**

**JOAN MELÉ**

**EDGAR BARKI**

**FERNANDA CAMARGO**

**DENISE HILLS**

**PEDRO VILELA**

**RICARDO GLASS**

**LUIZ AUGUSTO CANDIOTA**

**RODRIGO CUNHA**

**DANIEL IZZO**

**THOMAS ECKSCHMIDT**

**ANDRÉ MENEZES**

**SERGIO LONDOÑO**

# CENA I

## A MÃO INVISÍVEL DO CAOS

Desde os primórdios da teoria econômica moderna, uma promessa paira no ar como um feitiço: a de que, ao perseguirmos nossos próprios interesses, estaríamos, sem querer, promovendo o bem comum. Essa é a ideia da “mão invisível”, concebida por Adam Smith no século XVIII. Mas o que, de fato, significa essa metáfora? E será que ela continua válida em um mundo marcado por desigualdades, colapsos ambientais e crises existenciais?

A primeira pergunta que se impõe é: qual é o propósito do capitalismo? Seria ele apenas uma engrenagem para gerar lucros ou um sistema para fomentar liberdade, inovação e soluções reais? E mais: realmente existe um mercado verdadeiramente livre, em algum lugar do mundo? Ou estamos todos imersos em mercados vigiados, regulados, manipulados por interesses concentrados e por algoritmos invisíveis?

A ideia de que trabalhar pelo próprio benefício gera solidariedade parece cada vez mais contraditória em tempos nos quais a maximização do lucro individual muitas vezes atropela o bem-estar coletivo. Essa lógica, que justificaria a ausência de uma atuação mais ativa dos Estados e da sociedade, revela seus limites quando confrontada com as crises do presente.

Dito isso, a responsabilidade social da empresa é simplesmente aumentar o lucro? Ou seria preciso revisitar essa máxima “miltonfriedmaniana” diante das externalidades que não cabem mais debaixo do tapete?

Por isso, vamos *abrir as cortinas* e utilizar nossos recursos imaginários, de *áudio e vídeo*, para desafiar os fundamentos do pensamento econômico e suas profundas fissuras estruturais. Revelaremos como a mão invisível, ao invés de harmonizar interesses, pode muitas vezes empurrar o mundo para o abismo, com uma elegância cega e desumana. A mão, afinal, não é apenas invisível: é irresponsável e, por vezes, caótica.

**J.M.**



O propósito dos negócios capitalistas não é criar empregos, é criar lucro. Empregos são um meio necessário para isso, mas são dispensáveis. Enquanto empregos forem necessários para produzir e maximizar lucros, eles serão criados. Mas, no momento em que os empregos infringem a obtenção de lucro e até mesmo a maximização de lucros, eles são cortados. Então, empregos não são o objetivo. Por isso, eu discordo que o propósito dos negócios capitalistas seja criar empregos. Tenho a sensação de que o propósito é apenas a maximização dos lucros, e todo o resto é dispensável, incluindo empregos, o meio ambiente e a sociedade. Precisamos, então, repensar todo o propósito do capitalismo.”

***Tshering Tobgay***



# TSSHERING TOBGAY

O capitalismo, sem dúvida, foi fundamental para o avanço da humanidade. Ele recompensa o trabalho árduo, a inovação e o empreendedorismo, tendo impulsionado o progresso em diversos setores, como a medicina, a tecnologia, o transporte e a agricultura. Se não fosse pelo capitalismo, nossos avanços nessas áreas não teriam sido possíveis, e talvez não tivéssemos hoje índices como uma maior expectativa de vida e melhores padrões de vida em todo o mundo. A educação e a inovação tecnológica também prosperaram sob os sistemas capitalistas, possibilitando a conectividade global e o acesso a bens e serviços.

No entanto, é preciso reavaliar os princípios e os valores fundamentais do capitalismo no contexto atual. Isso porque, enquanto o capitalismo utilizou eficientemente recursos finitos no passado, o foco atual no consumo incessante apresenta desafios significativos, visto que esse consumo desenfreado, essencial para o crescimento econômico que tivemos até hoje, ocorre às custas da degradação ambiental, da desigualdade social e da pobreza, que tem sido persistente.

Por isso, embora o capitalismo historicamente tenha desempenhado um importante papel na redução da pobreza, sua trajetória atual nos leva a questionar sua eficácia em abordar questões sociais e econômicas contemporâneas. Logo, precisamos avaliar criticamente o cenário e redefinir o papel do capitalismo na promoção do desenvolvimento sustentável e do bem-estar social.

De fato, devemos ponderar: qual é o verdadeiro propósito dos negócios? Se o único objetivo dos negócios for gerar lucro e aumentar o valor de mercado para os acionistas, então todas as outras considerações se tornam secundárias. No entanto, se imaginarmos o propósito dos negócios, independentemente de sua natureza, como indo além de meros lucros e interesses dos acionistas, aí sim podemos considerar dimensões mais amplas. E essas dimensões incluem o bem-estar e a felicidade dos funcionários e da comunidade, bem como a conservação e a sustentabilidade do meio ambiente.

E esses valores são cruciais. Portanto, devemos nos perguntar: que valores as empresas contemporâneas abraçam? Que valores desejamos fortalecer em nossas empresas? Embora não tenhamos um conjunto definitivo de regras semelhante aos Dez Mandamentos, acredito firmemente que as empresas precisam operar com base em um conjunto de valores, valores esses que devem orientar a empresa para um propósito maior, além da mera maximização do lucro.

O lucro é importante, sem dúvida, mas precisamos repensar essa busca incessante pela maximização do lucro, especialmente sob a perspectiva da ética, da moralidade e de uma missão corporativa mais ampla. E, ao priorizar os valores e um propósito maior, as empresas podem alcançar, em última análise, a lucratividade sustentável. No entanto, a busca exclusiva pelo lucro não deve ser o único objetivo.

Alguns argumentam que o principal propósito do capitalismo é criar empregos e gerar lucros, relegando outras considerações como meras externalidades. Eu discordo dessa visão. Em muitos casos, observei que o foco principal das empresas capitalistas é exclusivamente o lucro, com pouco interesse por outros impactos sociais. Por isso, na minha

visão, a ideia de que o capitalismo existe para criar empregos é falha. No cenário atual, os empregos são vistos como um meio para um fim: necessários apenas enquanto contribuem para a maximização do lucro. Quando os empregos começam a prejudicar as margens de lucro, muitas vezes são sacrificados, como vemos diariamente. Assim, a narrativa predominante sobre o propósito do capitalismo precisa ser reconsiderada.

Não sou um empresário, mas imagino um paradigma diferente para o propósito dos negócios. Em vez de buscar exclusivamente a maximização do lucro em benefício de alguns poucos, defendo uma abordagem holística que priorize o bem-estar e a felicidade de todas as partes interessadas no ecossistema empresarial. Isso inclui trabalhadores, gestão, comunidades locais e o próprio meio ambiente. Em essência, proponho deslocar o foco da maximização dos lucros para a maximização do bem-estar e da felicidade geral. ■

**Tshering Tobgay**, primeiro-ministro do Butão, é um líder comprometido com o desenvolvimento sustentável e a promoção da Felicidade Nacional Bruta (GNH), conceito pioneiro que prioriza o bem-estar da população acima de indicadores puramente econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB). Durante seu primeiro mandato (2013–2018), destacou-se pela defesa da neutralidade de carbono e pela proteção rigorosa da biodiversidade local, consolidando políticas ambientais que inspiram iniciativas globais até hoje. Também abordou o combate à pobreza e o empoderamento das comunidades rurais, buscando equilibrar crescimento econômico e conservação ambiental. Ele reassumiu o cargo em janeiro de 2024, enfrentando desafios econômicos e liderando projetos como a Gelephu Mindfulness City, uma cidade movida por energia limpa e com políticas que estimulam a qualidade de vida. Hoje, Tshering compartilha sua visão em eventos internacionais, incluindo TED Talks e a Assembleia Geral da ONU, defendendo uma economia centrada no bem-estar coletivo e na sustentabilidade ambiental.

**“Eu me considero um servidor público.”**





O capitalismo é o sistema mais efetivo para a geração de riqueza. A questão é que ele não é desenhado para a distribuição de riqueza. Se não nos importarmos com a desigualdade social, se do jeito que estão as coisas está funcionando, ótimo. Mas, se nós acreditamos que não é moral deixar que pessoas passem fome em um ambiente que tem excesso de comida, então o sistema tem que ser alterado. Porque não acho que seja razoável vivermos num mundo em que uma pessoa tem 1 bilhão de dólares enquanto 1 bilhão de pessoas estão passando fome.”

***Leonardo Letelier***



# LEONARDO LETELIER

O capitalismo nos trouxe benesses, é verdade. Ele aumentou nossa expectativa de vida de 30 para 70 e tantos anos, trouxe um monte de coisas boas em pouco tempo, mas ao mesmo tempo trouxe esse efeito absurdo que é a desigualdade, e é importante falar disso. Será que é um efeito colateral irreversível, com o qual temos que aprender a lidar?

Sabendo que com 1% da riqueza mundial seria possível resolver tantos problemas no mundo, o que fazemos com essa informação? Nós já temos comida suficiente para todo mundo, temos dinheiro suficiente, mas não fazemos a alocação de recursos, e não temos vontade política para fazer isso acontecer. O capitalismo é o sistema mais efetivo para a geração de riqueza, mas ele não é desenhado para a distribuição dessa riqueza.

Então, precisamos contrapor isso com o desenho de sociedade que queremos. Se você não liga para a desigualdade social, se do jeito que está funcionando está bom, ótimo. Por outro lado, se você acredita que não é moral deixar que pessoas passem fome num ambiente que tem excesso de comida, ou seja, que já tem recursos suficientes para alimentar todo mundo, então o capitalismo como está não basta. Ele tem que ser alterado, ou então precisa existir uma outra força para contrabalanceá-lo.

Na minha visão, não vale a pena perder a parte boa do capitalismo, que é a inventividade, o empreendedorismo, a geração de valor, mas eu também não acho razoável vivermos num mundo onde uma pessoa tem 1 bilhão de dólares enquanto 1 bilhão de pessoas estão passando fome. ■



Não existe livre mercado em lugar nenhum. Os países que são símbolo do capitalismo são os países onde algo o mais distante possível do livre mercado acontece. As pessoas defendem o livre mercado para poder competir, mas, no momento em que o primeiro jogador ganha a competição, ele é o primeiro a chutar a escada para não deixar ninguém subir. Essas pessoas têm o discurso de livre mercado, mas são a favor de leis que não deixam os outros competirem, como certos subsídios e facilidades. São a favor de um sistema de crédito que faz com que eles tenham crédito porque têm capital para colocar como garantia, enquanto quem não tem capital não consegue nem entrar no jogo. Por isso, o livre mercado é um dos maiores mitos que existem no capitalismo. Ele nunca existiu e nunca vai existir nesse sistema.”

***Eduardo Moreira***



# EDUARDO MOREIRA

Vamos lá, o capitalismo vem do capital. E por quê? Porque o poder nesse sistema é controlado por quem consegue acumular mais capital. É tão simples quanto isso. Mas há um problema: o rio corre para o mar. Então, quem tem mais capital tem mais poder; e, ao ter mais poder, isso cria condições para que se tenha ainda mais capital, o que gera um ciclo infinito em que “o vencedor leva tudo”. Existem vários livros escritos sobre isso em todo o mundo. Há monopólios, grupos corporativos, famílias que passam o poder de pai para filho, de filho para neto, de neto para bisneto, há séculos. Não dá para imaginar que esse modelo possa ser justo. A maior lenda do capitalismo é o mito do livre mercado. Não existe livre mercado em lugar nenhum. Os países que são símbolos do capitalismo são os países onde algo o mais distante possível do livre mercado acontece.

Existe até uma expressão que usamos, que é “chutar a escada”. As pessoas defendem o livre mercado para competir, mas no momento em que ganham, são as primeiras a impedir os outros de subir. Elas continuam com o discurso do livre mercado, mas são a favor de leis que impedem os outros de entrar no jogo, subsídios que também impedem a competição e um sistema de crédito que favorece quem já tem capital, tornando impossível para os outros competirem de igual para igual. Por isso, digo que o livre mercado nunca existiu e nunca existirá no capitalismo.

Gosto de dar um exemplo. O esporte que mais gosto de acompanhar é o basquete norte-americano, símbolo do

capitalismo, porque também é um negócio bastante lucrativo. Você sabe como funcionam as regras da NBA? O time que fica em último lugar no torneio ganha o direito de escolher primeiro um jogador universitário para o próximo ano. Isso dá a chance de que eles escolham os melhores jogadores, e para quê? Para se reequilibrarem, para continuarem tendo uma competição justa e manterem o interesse do público. Se fosse o capitalismo em sua forma pura, o Chicago Bulls, do Michael Jordan, que ganhou seis ou sete títulos, seria o único time da NBA, pois teria o dinheiro para comprar todos os melhores jogadores universitários e formaria um time ainda melhor a cada ano.

Isso aconteceu com o Google, com o Facebook, com as principais empresas de petróleo, com a Amazon. Isso é o capitalismo. O que a NBA faz é interferência do Estado, só que ninguém chama assim. Estou apenas fazendo uma comparação, é claro, pois a NBA não é o Estado, mas é um modelo dentro do capitalismo, o mais competitivo possível, com interferência de uma entidade externa. E ninguém reclama. Porém, no capitalismo real, o que se busca é a consolidação do poder, não a competição. ■

**Eduardo Moreira** iniciou sua carreira como engenheiro e migrou para o mercado financeiro, alcançando sucesso como banqueiro, tendo fundado a Brasil Plural e a Genial Investimentos. No entanto, desiludiu-se com a competitividade extrema e a lógica de acumulação do capitalismo e se aproximou de causas sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Com isso, abandonou o mundo das finanças tradicionais para se tornar um “companheiro” engajado com justiça social e igualdade. Hoje, Eduardo promove uma visão crítica do capitalismo e defende modelos cooperativistas, focando na solidariedade como forma de transformação social. Ele acredita que o conhecimento sobre o mercado financeiro pode ser utilizado para reduzir desigualdades e defende o empoderamento por meio de acesso justo à terra e ao crédito. Como parte desse propósito, fundou o Instituto Conhecimento Liberta (ICL), iniciativa que democratiza o acesso à educação e fomenta o pensamento crítico em temas sociais, políticos e econômicos.

**“Minha história começa de engenheiro para banqueiro e de banqueiro para companheiro.”**





Toda a teoria econômica predominante no século XX que está sendo colocada em xeque neste momento tinha como base o utilitarismo.

E esse utilitarismo era mais ou menos assim: se cada um trabalhar para maximizar o seu próprio benefício, toda a sociedade ganhará. Só que é mais ou menos como dizer que a soma de muitos egoísmos é igual a uma grande solidariedade. Isso não funciona. Então, essa doutrina utilitarista redundou em uma concepção reducionista do ser humano.”

***James Marins***



# JAMES MARINS

Toda a teoria econômica predominante no século XX que está sendo colocada em xeque neste momento tinha como base o utilitarismo, que propõe que, se cada um trabalhar para maximizar o seu próprio benefício, toda a sociedade ganhará. Só que é mais ou menos como dizer que a soma de muitos egoísmos é igual a uma grande solidariedade. Isso não funciona. Essa doutrina utilitarista redundou em uma concepção reducionista do ser humano, em que se tirou praticamente 95% do que é humano e se deixou 5%, que é o interesse pelo lucro. Nós não somos reduzidos (e não podemos ser reduzidos) a simplesmente criaturas movidas pelo lucro.

E, por incrível que possa parecer, os economistas têm uma influência muito maior na nossa realidade do que podemos pensar. Quando se cria um modelo econômico reducionista, em que tudo se move pelo lucro e as empresas têm o monopólio sobre a atividade econômica e a exploração dos recursos materiais, o Estado tem que ser o vigia noturno de todo esse sistema.

Nós estamos incluídos em um modelo puramente egoísta de *homo economicus*, que tem profundas implicações morais. Então, quando os economistas dizem que a atividade empresarial ou a economia não tem nada a ver com a moral ou a ética, estão fazendo uma afirmação moral profunda. Os economistas, ao contrário do que eu pensava, influenciam muito mais a forma como vivemos e vemos o mundo do que somos capazes de imaginar. Peço desculpas aos sociólogos,

mas cheguei à conclusão de que a Economia é, na verdade, a rainha das Ciências Sociais.

Um economista chamado Lionel Robbins disse: “A economia não tem nada a ver com esperanças”. Mas tem, porque, se a economia não tem nada a ver com esperança, é capaz de destruir todas as esperanças por uma sociedade melhor. Então, se aceitarmos a concepção reducionista do ser humano como um agente econômico, estaremos destruindo todas as esperanças que temos por uma sociedade melhor.

Eu imaginava que os economistas estavam voltados simplesmente para temas econômicos, inclusive temas muito difíceis, como a previsão da variação cambial para o final do ano. Na minha visão, eles eram mais ou menos como meteorologistas, que às vezes acertavam e às vezes erravam. Mas, na verdade, acabei descobrindo que, enquanto um meteorologista tem a capacidade de estragar, talvez, apenas o meu fim de semana, um economista tem a capacidade de destruir todas as esperanças de uma sociedade.

Que tipo de justiça nós imaginamos? Uma coisa é a justiça social, mas ela não pode ser confundida com justiça econômica. Na verdade, é justamente essa visão utilitária que reduz tudo ao máximo lucro, à maximização do lucro individual, o que gera uma distorção profunda, porque transforma o que deveria ser justiça social em simples justiça econômica, que acaba sendo, muitas vezes, a suma injustiça.

Quando nós pensamos em distribuição de justiça, não podemos deixar de considerar que talvez o único elemento que hoje seja seguro sob esse ponto de vista é o da máxima distributividade. Por quê? Porque não podemos mais imaginar que os finitos recursos do nosso planeta estejam

concentrados apenas nas mãos de alguns, e essa concentração atingiu níveis inimagináveis contemporaneamente. Nós precisamos modificar a questão da distributividade, e esse papel deverá ser exercido por toda a sociedade, através das empresas, do Estado e de todos os agentes cívicos de mudança da nossa sociedade.

A sociedade está clamando por um propósito mais ético na nossa atividade cotidiana, seja quando eu estou como dirigente, como empreendedor de uma organização sem fins lucrativos, seja no que diz respeito a uma atividade economicamente rentável. O empreendedor social pode estar em qualquer uma dessas posições e muitas outras também.

É uma questão de construção de teoria econômica. O empreendedor, para a teoria econômica ortodoxa, é simplesmente um organizador de recursos humanos e materiais para o melhor lucro possível. Não é que isso seja antiético, mas é desconectado da ética. Então, quando você tem como objetivo unicamente a produção do lucro, o lucro em si é um dado objetivo que prescinde da ética. Esse é o grande problema.

É um problema da construção daquilo que se chama, na teoria econômica, de *homo economicus*, esse ser unidimensional, que só pensa na geração do lucro. O problema é que esse ser não existe na prática. Nenhum ser humano é exclusivamente voltado para o seu próprio benefício. Quem não se preocupa com os outros vai para o campo da monstruosidade, da teratologia. Quem não se preocupa com as suas ações na sociedade está com algum problema muito grave do ponto de vista da escolha das suas próprias ações.

Então, por mais que você possa dizer, de acordo com a teoria econômica, que o empreendedor é uma figura que tem

objetivos neutros sob o ponto de vista da ética e da moral, é evidente que nenhum empreendedor pode ser completamente neutro. Por mais que você se esforce para criar, digamos assim, uma barreira entre você e o que acontece na sociedade, tudo o que você faz enquanto empreendedor impacta diretamente nas outras pessoas e no planeta.

Só que era proibido pensar nisso pela teoria econômica. Com base nessa construção econômica, não se podia pensar em como a sua atividade impactava as pessoas e o planeta. Tem uma explicação que vem de muito tempo para isso, que diz respeito a como se faz ciência no mundo, o que a gente chama de epistemologia. Essa é uma palavra um pouco complicada, mas ela, na verdade, se refere às escolhas que fazemos para produzir ciência, para produzir conhecimento.

Helvetius, um pensador do século XVII, acreditava que o interesse próprio do ser humano é como a lei da gravitação universal. O que isso significa? Significa que o interesse próprio, para Helvetius, é um dado da natureza mecanicista, porque a lei da gravitação universal trata da mecânica do funcionamento dos planetas, que é imutável. Quando você afirma que o interesse próprio do ser humano, que direciona as suas ações, é como a lei da gravitação universal, é a mesma coisa que dizer: isso é imutável. De acordo com esse pensamento, o ser humano não muda. Ele vai ser sempre um ser egoísta que guia as suas ações pelo interesse próprio.

Quem capturou essa ideia foi Adam Smith, com a noção de “mão invisível”. Bom, a “mão invisível” se transformou no “coração invisível” do capitalismo. Mas o que é essa tal “mão invisível” de Adam Smith? É a ideia da gravitação universal de Helvetius, ou seja, das leis mecanicistas do universo que se aplicariam à economia. Essa lei da “mão

invisível” significa que o mercado vai funcionar como as leis da física, só precisamos descobrir quais são elas. Porém, para isso, é necessário “dessubstanciar” o ser humano e transformá-lo numa máquina de egoísmo, prazer e trabalho apenas em benefício próprio. Mas nós, seres humanos, não somos assim. ■



O advento do capitalismo moderno se deu no final do século XVIII, depois que Adam Smith escreveu *A Riqueza das Nações*. A grande percepção de Adam Smith foi de que a liberdade leva à prosperidade, então as sociedades que prosperam são aquelas em que os indivíduos são capazes de determinar sua própria vida, pois não são controlados pelo governo dizendo a eles o que fazer. Então, a ideia era: se as pessoas forem livres dessa forma, então a mão invisível do mercado (definida de forma metafórica) irá, de certa forma, alocar recursos e definir preços.”

***Raj Sisodia***



# RAJ SISODIA

O capitalismo que reconhecemos hoje, caracterizado por mercados livres e pela formação de corporações com acionistas, começou a tomar forma no final do século XVIII. Embora sempre tenha havido mercados e comércio entre as pessoas, a organização sistemática dessas atividades como pedra angular de uma economia era um conceito relativamente novo.

A ideia inovadora de Adam Smith enfatizava a conexão entre liberdade e prosperidade, defendendo que os indivíduos perseguissem seus interesses próprios sem intervenção excessiva do governo. Essa noção lançou as bases para o que agora consideramos capitalismo. No entanto, o capitalismo inicial carecia de considerações éticas e frequentemente priorizava o lucro sobre o bem-estar humano.

É importante notar que esses princípios de liberdade e prosperidade, embora inovadores, inicialmente se aplicavam apenas a certos segmentos da sociedade, especialmente homens. Os ideais de liberdade religiosa, liberdade econômica e liberdade política, que lançaram as bases para os Estados Unidos, surgiram aproximadamente na mesma época que as ideias de Adam Smith. A combinação de avanços tecnológicos, uma mudança de mentalidade sobre a organização da sociedade e a liberdade individual impulsionou a sociedade materialmente para a frente.

No entanto, à medida que as empresas cresciam e se tornavam maiores e mais impessoais, impulsionadas por objetivos de maximização de lucro, testemunhamos uma deterioração das condições de trabalho e uma desumanização

do ofício. A busca pelo lucro, muitas vezes, ocorria às custas do bem-estar humano, levando a condições de trabalho horrendas e sofrimento generalizado. Nessa época, os trabalhadores eram vistos como meras engrenagens em uma máquina, descartáveis e substituíveis. O surgimento de linhas de montagem e o aumento das demandas de produção exacerbaram esses problemas, resultando em esgotamento e até morte entre os trabalhadores. ■

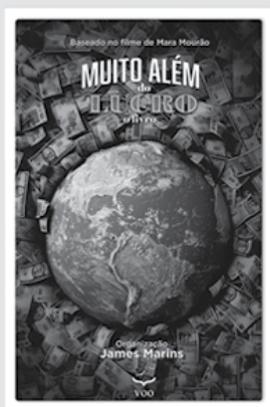
**Raj Sisodia** é cofundador do movimento Capitalismo Consciente, idealizado em parceria com John Mackey, cofundador da Whole Foods Market. Autor e acadêmico nascido na Índia e reconhecido internacionalmente, ele tem se dedicado a demonstrar que empresas podem ser tanto lucrativas quanto agentes de impacto positivo na sociedade e no meio ambiente. Com formação em Engenharia Elétrica e doutorado em Marketing pela Columbia University, é Professor Distinto do Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey, no México, onde também preside o Centro de Empresas Conscientes, focado em transformar a educação empresarial para apoiar a construção de uma sociedade mais justa e próspera. Ao longo de sua carreira, publicou diversos livros sobre liderança consciente e impacto social, incluindo o best-seller *Capitalismo Consciente - Como libertar o espírito heroico dos negócios*. Raj também colabora com grandes corporações e instituições, como a ONU e o Banco Mundial, inspirando líderes a adotar uma gestão consciente e orientada ao bem-estar coletivo, e é conhecido por inspirar empresas a operar com um propósito maior, promovendo uma cultura corporativa baseada na confiança e na colaboração.

**“Os negócios são sobre cuidar uns dos outros, não sobre lutar uns contra os outros.”**





## Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar  
ou acesse pelo QR Code abaixo.



“Falar do mundo dos negócios é questionar os sistemas econômicos que nos trouxeram até aqui — um tema tão amplo e complexo que nenhum filme daria conta. Talvez nem mesmo *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges, conseguisse. Mas conseguimos, sim, provocar questionamentos, gerar discussões e inspirar pessoas. Quem sabe, para algumas delas, essa seja também a gota d’água que faltava para provocar mudanças em sua forma de agir.

No cinema, usamos o termo *decupagem* — que significa dividir uma cena em ângulos e movimentos de câmera. Pois James Marins e eu estamos fazendo exatamente isso neste livro: separando falas, conceitos e ideias, e criando uma *cena*. Uma *cena* de um futuro melhor.

Apenas mais uma *cena*, parte de um grande filme criado pela humanidade. Baseado em um roteiro cujo tema central é a resiliência e a esperança.”

**Mara Mourão**

**ASSISTA AO  
TRAILER**



Apoiadores

JULIANABLEY



Realizadores

